

Novo CD de José Mucavele reinventa so

Por Nuno Quadros
Fotos: Naita Ussene

Um novo disco na folha, agendado para o fim do ano, foi o pretexto que o SAVANA arranjou para esta longa conversa com o compositor José Mucavele, que já não gravava desde 1996. Falámos de muita coisa....

A infância....

Nasci no Chibuto em 1950 quinto filho de uma família de nove irmãos. O meu avó materno quando a minha mãe estava grávida de três meses trouxe-me o destino: este, minha filha, vai nascer rapaz e vai ser um rapaz especial.

Apesar da profecia, a nossa infância foi conturbada. Os meus irmãos mais velhos levaram-me com eles quando fugiram de casa para evitar os maus tratos de uma madrastra, poderosa curandeira. Refugiámo-nos no quartel português do Chibuto onde eu, miúdo pequeno, já tocava gaita de beijos "...até hoje ainda toco viras numa gaita. Desato qualquer um...". Aos 12 anos fui estudar para a Missão de Chibuto onde aprendi solfêjo e canto gregoriano com os padres portugueses. Pouca gente sabe, mas naquela época, a Igreja do Chibuto tinha um conjunto de 12 sinos na sua torre lateral, único em Moçambique. Tocavam-se num teclado. Aqui-lo fasciava-me.

Assim, tive a sorte de ter tido durante aquele período, uma educação musical mais teórica, digamos, o que me ajudou mesmo muito a tocar e a entender as escalas daquela violas de lata de quatro cordas e de outros instrumentos tradicionais que se ouviam.

Aliás, a maioria dos músicos deste País, oriundos das zonas rurais, começaram com as violas de lata.

L.Marques – a última década do período colonial e a música começa...

Foi em 1964 quando os padres quiseram que eu continuasse os estudos no Seminário. Já me apercebera que vida do latim e da abstinência não eram para mim (risos). Ai decidi ir viver para Lourenço Marques. Fui para casa de uns primos e arranjei o meu primeiro trabalho como pintor na EPEL, Empresa de Pinturas Pinto Elisen.

Ganhava 1000 escudos por mês, nada mau naquele tempo. Aprendi com bons Mestres as técnicas e lá acabei encavalitado em andaimas a fazer pinturas publicitárias nos prédios da cidade, coisa muito na moda naqueles anos.

Pois... Os tais primos com quem eu vivia tinham fundado um conjunto Os Escravos e eu disse-lhes que queria tocar com eles. Mas havia um problema: a banda só precisava de um trompetista.

Acontece que conheci o Marcelo, trompetista dos Monstros e disse-lhe que queria aprender a tocar trompete. O Marcelo, assim meio divertido

com o meu atrevimento, passou-me as notas num caderno e emprestou-me um trompete durante um mês. Com o dinheiro que já tinha juntado das pinturas, acabei comprando um trompete e com as luzes de solfêjo que adquirira na Missão, pouco tempo depois a banda Os Escravos pôde contar com um trompetista. Eu.

Nunca pude esquecer a cara de espanto do Marcelo, quando algum tempo depois vai a um casamento e me vê em palco a tocar um trompete afinadinho com os Escravos. Até me veio dar os parabéns.

A minha iniciação nos meios musicais daquele tempo foi como trompetista. Acabei solista em espectáculos semanais no Folelore, um restaurante de luxo com música ao vivo e que funcionava na antiga Praça de Touros, naquela época.

No início de 70's, o saudoso Rui Cartaxana escreveu um dos melhores tempos, que eu era um dos melhores trompetistas da era colonial. Fiquei conhecido como o Zé do Trompete.

A viola

Durante todo esse período em que participei nos espectáculos com os Escravos, depois de ter aceite o desafio do Ricardo Barros para tocar no Folelore, a solo, comeci a dedicar-me à viola de seis cordas, praticando cada vez mais, brincando com as escalas mas sem grandes pressas porque eu era fundamentalmente um trompetista. Essa coisa de viola e composição eram coisas íntimas, minhas e que eu ia aperfeiçoando. Sem pressas...

A PIDE: agarram-me se puderem...

O culpado foi o Ivo Garrido (risos). Nessa altura, o Garrido era o presidente da Associação de Estudantes Universitários e aos fins-de-semana organizavam-se grandes debates estudiantis e memoráveis sessões de jazz e de blues ali no Self, como era conhecida a residência universitária. Como eu tocava com a banda Concelto, acabámos por passar a actuar lá quase todas as semanas. Aquelas noites no Self aos fins de semana enchiam e os PIDES andavam por lá, naturalmente... E foi numa des-

sa rufgas em que vários estudantes são presos que eu sei através de uma namorada de um desses bufo, que eles andavam à minha procura...

Não sabiam o meu nome. Eles queriam mesmo era apanhar o tal Zé do Trompete.

Nunca me agarraram. Graças à formação dessa amiga, apanhei uma camioneta para a Beira, onde comeci a tocar trompete numa famosa banda local, Os Outros com o Ricardo Palma Pinto. Só que as malhas apertavam-se cada vez mais e tive de fugir de novo, desta vez, para Quelimane, mas uma semana mais tarde, venho escondido num camião para L.Marques e acabo por me refugiar no Chókwé.

Um pouco de Nanchigwea, de calaboço e de estruturas que me quiseram fumar

Isto passa-se por volta de 73. No Chókwé, conheço o Paulo Zucula, o actual ministro dos Transportes e formámos um grupo. Um belo dia, quando firmámos um contrato para tocar no Kai-Xai, sou avisado por amigos que a Pide estava à minha espera e, foi então, que decidi ir para a Tanzânia, já em 1974, e acabo em Nanchigwea, durante o período de transição. Recebo formação e treino militar e sou colocado no que é hoje Ministério do Interior, como Comandante Nacional de 2ª Secção, o equivalente a Comissário de Polícia. Mas como devo ter feito algum comentário indevido, sei que pouco tempo, fui preso e passei nove meses detido juntamente com um outro, o Comandante de Trânsito, o Francisco Alberto, por ordens superiores, sem que até hoje tenha sabido as razões que levaram à minha detenção. Mais, eu nunca fui desmobilizado ou despromovido nem recebo salário desde então. Enfim...

Em 1976, sou solto e colocado na província de Nampula, na Direcção da Agricultura, e dou comigo a tomar conta de uma empresa de algodão. Eu não percebia nada daquilo, não recebia salário e como o que eu queria era trabalhar na minha música e composição começo a tocar em Nampula, aos fins-de-semana com o Chico da Conectção. O Gover-



nador, nesse tempo era o Américo Fumo, manda-me chamar e pergunta-me uma reprensão, dizendo que eu era um quadro superior da Frelimo, um director da Agricultura e que não podia andar a tocar pelos bares. Respondei-lhe que a cultura era uma das armas da Revolução e que como não tinha qualquer remuneração como algodoeiro tinha que tocar para sobreviver. O Fumo ameaçou-me e prometeu aplicar-me um correctivo, só que, passados uns dias, o Vedor, então Director Nacional da Emigração me desafia para eu integrar a comitiva de Moçambique que ia ao XI Festival da Juventude em Cuba em 1978... tudo tratado e saio de Nampula e venho para Maputo sem lhe dar nenhuma satisfação. Quando o Fumo se pôs à minha procura já eu estava em Havana.

De Cuba com amor e muitas ideias.. Quando volto de Cuba, vinha cheio de projectos e inicio, por assim dizer, a minha primeira pesquisa sobre sons, valores e tradições deste nosso tão rico universo multicultural, que é Moçambique. Passo um longo período em Nampula a estudar ritos de iniciação, seus contornos e sonoridades (o Governador já outro, felizmente para mim, o Feliciano Gundana e sua esposa deram-me o

seu total apoio) e, munido de um rico espólio, venho propor ao L.Bernardo Honwana, Ministro da Cultura, a criação de um centro Cultural/Engráfico em Maputo. O Honwana respondeu-me que não havia fundos mas incentivou-me a prosseguir e a continuar o meu trabalho. A verdade é que até hoje, os políticos deste País continuam a ignorar a nossa Cultura, em vias de extinção.

Mucavele Vani Timba Mikolo 1 – Wázimbo Nwahunhana 0 –

Tal como o título da canção indica, eu sentia-me a sufocar naquele tempo. Não aguentava mais. Compus Vani...em 1969, a minha primeira música, trabalhei a letra com o Matias Xavier em Nanchigwea em 74, para uma peça para a Frelimo, chamada Resistência Vitória Populár. Eram os tempos da militância e de mensagem política. O Matias Xavier tinha uma voz extraordinária e cantava-a de forma superior, melhor mesmo que Wázimbo, na sua interpretação Nwahunhana... O Matias Xavier era o melhor cantor que havia em Moçambique. Anos mais tarde quando fundo o Grupo RM, com Zeca Tcheco, Pedro Bene, Alípio Cruz, Zé Guimarães, Sox, Wázimbo, esta minha música não foi aceite e acabou por não ficar nenhum

"Os grandes compositores da nossa música eram o Feliciano Mucambe e Eusebio João Tamele e muitos outros já desaparecidos. Esses sim, eram compositores e intérpretes."

